

CURSO CAPISTRANO DE ABREU (1953): A CONSAGRAÇÃO DO HOMEM À HISTÓRIA

CAPISTRANO DE ABREU COURSE (1953): THE CONSECRATION OF MAN TO HISTORY

MATHEUS RODRIGUES¹

Resumo

Esse estudo analisou os esforços retóricos de consagração da memória de Capistrano de Abreu à História ao longo das conferências pronunciadas no Curso Capistrano de Abreu, em 1953. O evento, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), reuniu personalidades do mundo intelectual para homenagear a figura do estudioso cearense nascido em 1853. Aqui, se procurou enfatizar a relação dos discursos emitidos pelos conferencistas com o processo incipiente de construção de um campo historiográfico autônomo. No curso, a memória erigida de Capistrano de Abreu o tomou como patrimônio exclusivo da História, secundarizando outros saberes importantes em sua trajetória, notadamente a Geografia, a Etnografia e a Linguística. Percebeu-se que esse movimento foi possível dentro de um contexto de especialização das ciências e demarcação de fronteiras disciplinares que tinha como palco principal as universidades, mas que pôde repercutir também no salão nobre do IHGB, onde se realizou o Curso.

Palavras-chave: Curso Capistrano de Abreu; Capistrano de Abreu; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Abstract

This study analyzed the rhetorical efforts to consecrate the memory of Capistrano de Abreu to History throughout the lectures given at the Capistrano de Abreu Course in 1953. The event, promoted by the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), brought together personalities from the intellectual world to honor the figure of the scholar from Ceará, born in 1853. Here, the aim was to emphasize the relationship between the speeches given by the speakers and the incipient process of constructing an autonomous historiographical field. In the course, the constructed memory of Capistrano de Abreu treated him as the exclusive domain of History, relegating other important fields of knowledge in his trajectory to a secondary position, notably Geography, Ethnography, and Linguistics. It became clear that this movement was possible within a context of specialization of sciences and demarcation of disciplinary boundaries, primarily taking place in universities, but which also had repercussions in the main hall of the IHGB, where the course was held.

Keywords: Capistrano de Abreu Course; Capistrano de Abreu; Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB).

¹ Possui graduação em História pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde (2020). Especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI (2021). É Mestre em História pelo Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob orientação do prof. Dr. Fábio Franzini (2025). É doutorando em História no mesmo departamento, também sob orientação do prof. Fábio Franzini. Pesquisa nas áreas de teoria da história, história da historiografia, historiografia brasileira, historiografia da geografia brasileira e historiografia das traduções. Foi professor nos cursos de Licenciatura em História, Bacharelado em Direito e bacharelado em Psicologia na Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AESA) entre agosto de 2023 e dezembro de 2025. E-mail: matheuscavalcantiem@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4874-3159>.

Introdução

Entre setembro e outubro de 1953, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) promoveu o Curso Capistrano de Abreu. A conveniência do evento estava na comemoração do centenário de nascimento do intelectual cearense renomado em vida como o maior dos historiadores da pátria. O IHGB participava da celebração junto a outros importantes palcos da cultura nacional, desde casas políticas como o Senado Federal e a Câmara dos Deputados até universidades, institutos e centros tradicionais como a Biblioteca Nacional. Desde logo, importa dizer que o Curso já foi estudado anteriormente em artigo publicado na Revista do IHGB em 2013, de autoria de Rebeca Gontijo². O esforço do presente texto é acrescentar uma outra camada de análise que dialoga com a contribuição de Gontijo, mas procura enfatizar um outro aspecto do evento comemorativo. A saber, o interesse é compreender o movimento de patrimonialização da memória sobre Capistrano de Abreu que ocorre no Curso. Mais especificamente, o argumento é que Capistrano foi tomado, ao longo das conferências que formaram o Curso, como patrimônio exclusivo da História. Esse movimento implicou o rechaço a outras áreas do saber a que também se dedicou o estudioso cearense, notoriamente a Geografia, a Etnografia e a Linguística.

Antes de adentrar o conteúdo do Curso, cabe uma breve reflexão teórica sobre o perspectivismo na produção historiográfica. Em geral, os historiadores conseguem realizar seus estudos não apenas pela infinidade de objetos possíveis de examinar, que abrangem potencialmente qualquer evento ou conjunto de eventos em qualquer lugar e em qualquer tempo, desde que acessíveis por meio de fontes diretas ou indiretas. Também é possível e usual que as mesmas fontes sejam analisadas de perspectivas diferentes, a depender do aparato teórico utilizado ou das perguntas feitas pelo pesquisador. O olhar do pesquisador, ou seu ponto de vista, define muito da originalidade de seu trabalho, sem que isso signifique um voluntarismo militante ou parcialidade arbitrária. Essa dimensão do conhecimento histórico já estava posta em discussão por intelectuais germânicos desde o século XVIII, apesar das dificuldades teóricas e práticas em definir os limites da perspectiva (Koselleck, 2006). Ademais, a existência de outros autores e obras que se debruçaram sobre o mesmo material não é, necessariamente, um obstáculo a ser superado. Esses autores e obras se transformam

² GONTIJO, Rebeca. O CURSO CAPISTRANO DE ABREU (1953), NO IHGB: A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO INTELECTUAL. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 174 (459):217-242, abr./jun. 2013.

em referências que precisam ser consideradas e podem ser balizas que conduzem uma nova pesquisa por outros caminhos heurísticos possíveis. Outrossim, a possibilidade de diálogo entre perspectivas é produtora de novos pontos de acesso ao material em análise, desvelando uma espectralidade inerente à pesquisa histórica.

É a partir dessa constatação de perspectivas possíveis que se espera poder iluminar um outro traço narrativo presente no Curso Capistrano de Abreu, além dos já apontados por Gontijo (2013). O Curso contou com oito conferências realizadas no salão nobre do IHGB e que ficaram a cargo de personalidades intelectuais do cenário nacional de então³. Em sua análise, Gontijo (2013, p. 222) identificou dois movimentos básicos nas conferências pronunciadas no evento. O primeiro deles era a abordagem biográfica do homenageado, com

apresentação de um retrato físico e psicológico de Capistrano; um arranjo de sua trajetória, por meio de recortes temporais e da escolha de determinados acontecimentos considerados como os mais ilustrativos de sua vida; e a elaboração de interpretações a respeito de sua vocação intelectual.

A viabilidade desse enquadramento do homem Capistrano de Abreu era engendrada pela convivência que alguns dos conferencistas tiveram com o cearense. Nas conferências não se percebe nenhum receio em utilizar o argumento da convivência pessoal para legitimar o discurso. Uma das conferências, a de Honorina de Abreu Monteiro, neta de Capistrano, se destina quase que exclusivamente a retratar a sua personalidade cotidiana. É, em suma, a memória sobre um avô há muito desaparecido. De certa forma, todas as demais conferências fizeram, mais ou menos, apelo a um tom intimista. Arthur Cesar Ferreira Reis, que por sua vez procurou examinar as contribuições à Geografia detectáveis na obra de Capistrano, iniciou seu discurso lembrando de suas visitas à casa daquele que ele reputava como um mestre. A intimidade compartilhada está carregada de um teor intelectual, na medida em que conviver com Capistrano era aprender o “particular dos assuntos brasileiros, o conhecimento, o estudo, a curiosidade intelectual e, por que não dizer também, o cívico” (Curso..., 1953, p. 139). Aí o homem e o mestre Capistrano se confundem na memória de Ferreira Reis, o que abre caminho para a análise acerca de sua obra. Ferreira Reis será responsável por responder se fora Capistrano um geógrafo ou não (voltaremos a isso). Por agora, importa saber que ele demarcou o início de sua conferência com a lembrança afetiva para, depois, perpetrar uma

³ Os conferencistas foram: Rodrigo Octavio Filho, Barbosa Lima Sobrinho, Gustavo Barroso, Múcio Leão, Arthur Cesar Ferreira Reis, José Honório Rodrigues, Mozart Monteiro e Honorina de Abreu Monteiro, esta última neta de Capistrano.

avaliação comedida das marcas geográficas nos textos do homenageado e dar o seu veredicto. Pode-se entender, dessa forma, que a memória do afeto se mistura a um discurso que se quer técnico e imparcial. Não há contradição entre afeto e análise, memória e pensamento. Tal atmosfera afetivo-analítica marcou o Curso em cada um dos pronunciamentos. A alternância entre afeto e análise se fez um pêndulo que orquestrava as falas em um movimento admitido por todos.

O segundo movimento percebido por Gontijo (2013, p. 222) se refere “a construção de relações entre a obra do homenageado e certos aspectos da produção cultural brasileira, de modo a valorizar distintas contribuições, definindo um legado”. Essa construção se evidencia em alguns dos títulos das conferências. Gustavo Barroso pronunciou a conferência *Capistrano de Abreu e a interpretação do Brasil*, Mucio Leão pronunciou *Capistrano e a cultura nacional*, e José Honório Rodrigues, por sua vez, *Capistrano e a historiografia nacional*. Capistrano é posto em face a sujeitos coletivos abstratos e cada conferência visou medir seu lugar e mérito em meio a tais abstrações: “São abstrações porque nem a interpretação do Brasil, nem a cultura brasileira, nem a historiografia brasileira têm existência para além do discurso. Por isso também são abstrações retóricas, que podem ter aspectos pedagógico e corporativo” (Rodrigues, 2025, p. 99). O teor pedagógico e corporativo da conferência de José Honório Rodrigues é prevalente se posto em comparação ao seu mínimo apelo intimista. Se outros conferencistas puderam lembrar da convivência com Capistrano, esse não era o seu caso. Sua relação com o homenageado era tecida por uma admiração intelectual diacrônica, no sentido de que vira em Capistrano um historiador moderno pioneiro em sua época e que deveria ser erigido como modelo para o presente e futuro da historiografia brasileira. Percebe-se um salto na conferência de Honório Rodrigues quando comparada com outras do Curso. Um salto da sincronia afetiva e intimista, marcada pelo acento aos traços de personalidade do homem e pelo compartilhamento da convivência, a uma diacronia analítica e historiográfica, cujas bases do discurso são mais ligadas às qualidades da obra de Capistrano e seu contributo para um tipo científico de História.

A patrimonialização da memória de Capistrano de Abreu e a afirmação precoce de um campo historiográfico

Mesmo com as diferenças entre os discursos dos conferencistas e as oscilações entre os enquadramentos biográfico e intelectual, é constante um movimento de patrimonialização da memória de Capistrano. Um movimento que ostensivamente demarcou a posse da memória do estudioso cearense à História, tratando de afastar potenciais concorrências de outras áreas do conhecimento. Desde os prolegômenos do Curso, oferecidos na conferência de abertura pelo presidente em exercício do IHGB, José Carlos de Macedo Soares⁴, fica patente o fio condutor do evento:

João Capistrano de Abreu, **um dos mais ilustres historiadores brasileiros**, por temperamento e também por certas circunstâncias de sua vida, não apreciava as relações sociais, reduzindo o seu mundo ao lar e à convivência de seus amigos fraternais (Curso..., 1953, p. 44, grifo meu).

Esta a maneira pela qual Capistrano é apresentado, precipuamente como historiador. Não havia nada de novo nisso. Sua qualificação como historiador e, mais exatamente, como historiador da pátria, era de longa data. Vários de seus contemporâneos o reverenciaram a partir dessa consideração. Mozart Monteiro⁵, na última das conferências do Curso, lembrou de Mário de Alencar e José Veríssimo como comentadores coetâneos de Capistrano que puderam atestar sua vocação para a História. O primeiro, amigo próximo do cearense, já apontava seu emprego na Biblioteca Nacional entre 1879 e 1883 como ponto de virada de seus estudos literários para a pesquisa histórica, com o que Monteiro concorda. O segundo é referenciado por Monteiro como “notável historiador literário”, mas seu juízo acerca da obra de Capistrano é posto em dúvida: “O seu juízo, muito citado, sobre a obra de Capistrano de Abreu, é daquele tempo. Fora do aspecto puramente literário, estaria Veríssimo em condições de julgar a obra historiográfica de Capistrano?” (Curso..., 1953, p. 162)⁶. Monteiro não responde diretamente a essa pergunta, que tem efeito retórico. Contudo, é possível depreender uma resposta implícita quando se lê a íntegra de sua conferência. Logo em seguida à pergunta, seu comentário é

⁴ José Carlos de Macedo Soares, nascido em São Paulo em 1883 e formado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1905, teve extensa carreira acadêmica e política. Presidiu o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) de 1939 a 1968. Foi também presidente da Academia Brasileira de Letras entre 1942 e 1943, da Sociedade Brasileira de Geografia entre 1945 e 1951, e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos períodos de 1936 a 1951 e 1955 a 1956.

⁵ Francisco Mozart do Rego Monteiro, nascido no Ceará em 1896, se notabilizou enquanto jornalista e professor de história. Bacharel em ciências jurídicas e sociais, trabalhou como professor secundário na Escola Normal do Rio de Janeiro e no Colégio Pedro II. Foi sócio correspondente do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e da Academia Portuguesa de História. Em 1949 se tornou sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

⁶ Monteiro está fazendo menção a um texto de Veríssimo publicado no Jornal do Comércio em 16 de setembro de 1907 e republicado na Revista da Academia Cearense de Letras no seu tomo XV de 1910 sob o título “O Sr. Capistrano de Abreu”.

denunciador de sua intenção: “Embora ainda o pareça a muita gente, alheia ou pouco afeita a esses estudos, História, como deve ser concebida, escrita e interpretada no século atual, - não é literatura” (Idem). Sua intenção é, portanto, demarcar a História (note-se a inicial maiúscula) com relação à literatura.

A demarcação disciplinar que Monteiro opera em favor da História incide também sobre ele mesmo. Na introdução de sua fala, ao fazer referência a um problema de saúde ocular que vinha enfrentando e que lhe estorvou a preparação para a conferência, aproveita para afirmar o lugar disciplinar de onde emitiria suas considerações sobre Capistrano: “Se eu fosse romancista, escreveria, pelo menos, uma novela sobre a vida dos olhos: como eles nascem, como eles vivem, como eles amam, como eles sofrem, como eles morrem. Como, porém, eu não seja romancista, falo apenas como historiógrafo” (Curso..., 1953, p. 153). Aqui está a sua autolegitimação para julgar a obra de Capistrano, uma justificação disciplinar que aponta para a construção de autonomia do campo historiográfico no Brasil. Monteiro se coloca como um dos construtores desse campo ao aludir a seu trabalho na seção *Letras Históricas* de *O Jornal*, órgão de imprensa comandado por Assis Chateaubriand em que Capistrano também fora colaborador:

E é nesse mesmo *O Jornal* que agora, 26 anos depois do falecimento do príncipe dos historiadores brasileiros, redijo a seção *Letras Históricas*, na qual, dentro das minhas limitações, procuro ventilar, entre problemas teóricos e concretos, tudo o que possa interessar à História humana, especialmente à do Brasil (Curso..., 1953, p. 152, grifo do autor)

Eis a elaboração de uma retórica genealógica em que Monteiro pôde se colocar em linha de continuidade em relação a Capistrano. Isso também acontece quando ele enfatiza seu local de nascimento, o Ceará, assim como o homenageado do evento: “É que, minhas senhoras e meus senhores, eu sou também cearense: nasci em Fortaleza, bem perto de Maranguape, onde nasceu Capistrano” (Idem). A diferença é que, neste último caso, o argumento é de natureza intimista e afetiva. De outro modo, quando se refere a seu trabalho de divulgação de problemas teóricos e práticos n’*O Jornal*, onde Capistrano também trabalhara, Monteiro está reivindicando seu lugar entre os historiadores, ou historiógrafos. Para isso, afirma sua colaboração no avanço das discussões historiográficas no Brasil, algo que seria acorde com os esforços daquele que foi o “príncipe dos historiadores brasileiros”. Monteiro queria falar a partir de um campo:

Quanto ao meu caso, no campo da História, já me sinto de novo feliz: porque, entre outras coisas, posso reler e meditar a obra notável desses dois cearenses, - o Barão

de Studart e Capistrano de Abreu, - um, o maior historiador do Ceará; o outro, o maior historiador do Brasil (Curso..., 1953, p. 153).

Aqui se revelam também as marcas corporativas do seu discurso. Não fala como um simples comentador. Fala como representante de um campo historiográfico. A evidência que fornece para atestar seu lugar no campo é seu trabalho de divulgação de problemas teóricos e práticos em O Jornal. Essa linha narrativa se mistura àquela intimista e afetiva que o aproxima de Capistrano de maneira especial, sendo ambos cearenses.

O uso do termo “campo” pelo conferencista não pode ser facilmente escrutinado, já que o mesmo não fornece explicação teórica a respeito. No entanto, é possível identificar a natureza desse uso a partir de referências internas e externas ao texto que apontam para um panorama mais amplo da ciência histórica na década de 1950. Internamente, Monteiro cria seu discurso querendo se colocar como locutor adequado para a avaliação da obra de Capistrano. Essa missão só poderia ser levada adiante por um membro do campo historiográfico. Em relação a isso, Monteiro menciona seu trabalho nas *Letras Históricas*. O seu gesto de “reler e meditar” as obras de historiadores consagrados o inscreve numa corpus genealógico de reprodução do campo. Ao mesmo tempo, esse exercício historiográfico é, em suma, um ato de poder cuja eficácia é garantida pelo campo. O discurso, respaldado pela atividade prática de divulgação historiográfica, circunscreve esse campo e é por ele legitimado.

O que caracteriza a dinâmica interna ao campo é o ato de releitura e avaliação da obra deixada por historiadores como Capistrano, cuja memória é evocada como patrimônio exclusivo: “Capistrano cultivou várias ciências; mas era, acima de tudo, historiador” (Curso..., 1953, p. 155). A preocupação com a exclusividade sobre o mestre cearense também é marcante em outras conferências, como se verá. O que isso diz sobre a autonomização de um campo historiográfico é alvo de interesse. Fala-se de autonomização e não de autonomia, pois se trata de um processo lento cujos primeiros passos ainda estavam sendo dados nos anos 1950. É por essa época que José Honório Rodrigues⁷, outro conferencista no Curso, publicava seus trabalhos *Teoria da História do Brasil: uma introdução metodológica* (1949) e *A pesquisa histórica no Brasil: sua evolução e seus problemas atuais* (1952), importantes no

⁷ José Honório Rodrigues nasceu no Rio de Janeiro em 10 de setembro de 1913. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil em 1937. Exerceu o magistério em história em nível superior em instituições como Universidade Católica do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e da Sociedade Capistrano de Abreu.

pleito por uma maior institucionalização da formação de pesquisadores em História no Brasil. Sobre o primeiro, diz Van Kan Saad (2016, p. 140 e 141):

Teoria da História do Brasil apresenta aos historiadores uma defesa da profissionalização da história enquanto um campo autônomo do conhecimento, incidindo em uma identidade historiadora sustentada [...] a partir de três âmbitos diferentes de questões: questões epistemológicas, questões de filosofia da História e questões de metodologia da história.

Note-se que a questão da autonomia estava aberta e, portanto, constituía um campo de lutas em que o que estava em jogo era o rumo da formação acadêmica dos historiadores brasileiros. Ainda que os cursos superiores de História, unida à Geografia até 1955, estivessem funcionando desde a década de 1930, será demorado o desenvolvimento de um espaço de reflexão interno à disciplina. JHR é reconhecido, pelo menos nos últimos 25 anos, como um dos precursores no intento de aprofundar a formação metodológica dos historiadores universitários (Gaio, 2018). Doravante, esse seria um passo fundamental para o campo da história da historiografia se tornar relevante, já que foi a partir da narrativa do percurso da disciplina no Brasil que JHR procurou extrair as lições teórico-metodológicas que deveriam nortear o ensino superior. No entanto, seus esforços não lograriam grandes resultados imediatos. Conforme demonstrou Santos (2018), a composição de uma historiografia brasileira acadêmica, profissional, terá que passar por uma série de disputas epistemológicas, institucionais e geográficas durante as décadas de 1980, 1990 e 2000. Somente a partir dessas décadas se poderá falar em um campo que se consagra sob o rótulo de história da historiografia, muitas vezes com uma atuação de crítica historiográfica. Nas universidades, a reprodução dos profissionais da pesquisa histórica só se afirmará a partir da década de 1970, com o desabrochar do sistema de pós-graduação (Costa, 2018).

JHR está distante desses processos, mas sua obra será mais tarde vista como definidora de um momento transitório e incipiente para a historiografia nacional. A década de 1950, dessa maneira, pode ser descrita como uma época de movimentos esparsos de alguns personagens no intuito da autonomização de um campo historiográfico. JHR não esteve isolado nessa conjuntura. O Curso Capistrano de Abreu proporcionou uma oportunidade de eco para as reivindicações de autonomia por parte de historiadores como Mozart Monteiro, comprometidos em demarcar as fronteiras entre a História e outros saberes utilizando-se da figura rememorada de Capistrano. Nisso percebe-se a memória, articulada em um discurso historiográfico, como um recurso de demarcação do campo.

Em outro trecho da conferência, Monteiro exhibe consciência acerca da conexão da memória com a construção de um campo. Ao dissertar sobre o momento em que se revelou a vocação de historiador na biografia de Capistrano, tece o seguinte comentário:

É assim que se há de saber como nasceu, - não à luz da Natureza mas da História, - um homem de ciência, um homem de Estado, um homem de letras, ou qualquer outro homem cuja vida se projete no campo histórico, isto é, na memória coletiva da posteridade (Curso..., 1953, p. 155).

Aqui, o campo é algo que se perfaz na memória, pois é constituído daquilo que se tornou memorável. Se o campo é constructo, a memória é sua unidade básica. Na interpretação de Monteiro, Capistrano foi levado à História durante sua estada como oficial da Biblioteca Nacional, onde trabalhou entre 1879 e 1883 sob a orientação de Ramiz Galvão. Antes disso, se dedicou à crítica literária, a qual abandonou em preferência aos estudos históricos. Da literatura à História, eis a trajetória triunfante do grande historiador. Monteiro quis mimetizar essa conversão em seu discurso. Ao anunciar a pretensão de encontrar o momento de definição de Capistrano como historiador, ele estabelece seu *modus operandi* fundado na metodologia da ciência histórica: “À luz de documentos e não por meras conjecturas, - como, sobre casos deste gênero, se costuma fazer no terreno da crítica literária, e mesmo da História da Literatura, - parece-nos possível mostrar quando se revelou em Capistrano de Abreu a vocação de historiógrafo” (Curso..., 1953, p. 155). Não basta a Monteiro preconizar a pesquisa documental como caminho inescapável ao historiador, pois mais uma vez ele lança mão da comparação com a literatura. Esta foi a *Outro* escolhido pelo orador para destacar sua adesão ao campo da História e, por conseguinte, a seus métodos investigativos. Efetuar esse exercício retórico em uma conferência sobre Capistrano era possível devido à suposta inflexão na trajetória do mestre cearense ao deixar para trás a crítica literária, à qual se dedicou nos seus primeiros anos de produção intelectual, e abraçar a História, à qual “se ia consagrar por toda a vida” (Idem).

Essa cisão da biografia de Capistrano em duas partes, um antes e um depois de sua transformação em historiador, foi operada de modo semelhante por outros conferencistas do Curso, o que demonstra uma preocupação geral com sua patrimonialização em favor da História. O que também é constante em outras conferências é a convergência entre o elogio ao homenageado e a defesa de um *éthos* historiográfico. Monteiro vasculha a biografia de Capistrano e, concomitantemente, ensina sobre o método científico que destacaria a História da crítica literária. Nesse movimento, até mesmo a História da Literatura é subjugada pela

“superioridade do método histórico pautado pelos documentos [...]. A História, quando se ocupa da literatura, negaria sua raiz metodológica e se entregaria às conjecturas. A história da literatura, por isso, não seria História” (Rodrigues, 2025, p. 102 e 103). É notável o zelo do conferencista em circunscrever o que é e o que não poder ser História. Essa necessidade de delimitação provavelmente se relaciona a debates travados em âmbitos maiores e Monteiro pode estar dialogando com interlocutores alheios ao Curso, embora não esteja no escopo deste artigo explorar essas conexões. Ainda assim, é razoável vislumbrar uma demanda por especialização do campo historiográfico que ressoa ao longo do Curso com base em informações fornecidas pelos próprios conferencistas. Monteiro por vezes parece pausar sua análise sobre a biografia de Capistrano para asseverar máximas que definem a especificidade da História ao mesmo tempo que refutam opiniões consideradas errôneas, como o faz no seguinte trecho: “Embora ainda o pareça a muita gente, alheia ou pouco afeita a esses estudos, História, como deve ser concebida, escrita e interpretada no século atual, - não é literatura” (Curso..., 1953, p. 162). Fica explícito em seu discurso que Monteiro tratava de polêmicas metodológicas então em voga. Ainda que não seja possível definir exatamente quais seriam os seus interlocutores/adversários, resta pouca dúvida que eles existiam. Não é verossímil que o seu argumento seja apenas retórica, considerando seu engajamento em um projeto de divulgação de temas teóricos e práticos na seção *Letras Históricas*. Monteiro certamente estava a par dos debates do campo histórico e falar sobre Capistrano era uma oportunidade de repercutir as batalhas travadas em prol da delimitação desse campo e de sua constituição interna.

Logo em seguida, ele censurou aqueles que misturam Teoria da História, Metodologia da História e Filosofia da História e “Aplicam isso à obra de Capistrano, sem saber o que estão fazendo” (Curso..., 1953, p. 162). Monteiro estava reivindicando a necessidade de conhecer muito bem os conceitos fundamentais ao campo histórico para emitir julgamentos válidos a seu respeito. Seria indispensável um conhecimento especializado, o qual seria patrimônio dos membros do campo. O conferencista reclamava da incompostura daqueles que, não sendo membros, manejam erroneamente conceitos complexos e distintivos.

Outra vez, vale fazer uma associação entre os reclames pela especialização da História que ecoam no Curso e a obra coetânea de José Honório Rodrigues. No prefácio à primeira edição de sua *Teoria da história do Brasil*, em 1949, JHR constatou: “Na história, como em qualquer outra ciência, os progressos referentes ao esclarecimento conceitual, teórico e

metódico são tão necessários quantos os relativos ao conhecimento mesmo dos fatos” (1957, p. VIII). O autor partia do princípio de que existia um vácuo de discussão teórica em língua portuguesa que carecia ser preenchido. Isso seria vital para o bom prosseguimento do ensino da ciência história nas universidades brasileiras. A definição acurada dos conceitos seria parte dessa empreitada. No corpo da obra, ele se esmerou em precisar o que eram Teoria, Metodologia e Filosofia da História, conceitos que Monteiro reivindicou em sua conferência no Curso. Há uma convergência implícita entre seus esforços. O movimento de circunscrever os conceitos próprios ao campo historiográfico, operado por JHR, propiciava a defesa do uso adequado dos mesmos, operada por Monteiro. Isso não significa uma conexão direta entre o livro de JHR e a conferência de Monteiro, mas aponta que os esforços de ambos se direcionavam a um horizonte de expectativas comum que era a especialização do campo. Ambos também se valeram da figura de Capistrano de Abreu para emanar lições de metodologia histórica.

Quando se lê a conferência de JHR no Curso, sua disposição pedagógica fica fora de dúvida. Antes, porém, de demonstrá-la, é importante ressaltar a onipresença de JHR nas comemorações de 1953, conforme Silva (2008, p. 270):

Mas, se pudéssemos definir qual seria o ponto em comum nas Comemorações do Centenário de Capistrano de Abreu, este seria a presença de José Honório Rodrigues – na Biblioteca Nacional como funcionário, no IHGB como palestrante, no Instituto Nacional do Livro, como organizador da edição comemorativa dos Capítulos de História Colonial [...].

Essa informação confirma a relevância de entender o Curso Capistrano de Abreu como um evento imiscuído no contexto de afirmação precoce de um campo historiográfico. JHR foi um dos agentes responsáveis por esse esforço, utilizando-se de diversas ocasiões para propagar o advento do ensino da metodologia histórica. Ademais, tomou Capistrano como seu modelo de bom historiador moderno: “A representação que constrói sobre o cearense apresenta o que deveria ser, não só a prática historiográfica para Rodrigues, mas a materialização ideal da identidade historiadora” (Van Kan Saad, 2016, p. 201). No Curso, JHR também se importou em dirimir a virada na vida de Capistrano que o consagrou à História. Semelhantemente a Monteiro, resalta sua experiência na Biblioteca Nacional entre 1879 e 1883 como fator determinante, assim como a leitura que fez de autores alemães da escola crítico-filológica e da antropogeografia. Assim, JHR descreveu o afastamento de Capistrano das interpretações positivistas que conduziam a generalizações fáceis e sua

guinada para um realismo histórico apegado ao exame metódico dos documentos. O conferencista aproveita para fazer frente ao positivismo que vigorava então:

O atual positivismo lógico, do Círculo de Viena, filho espúrio de Comte, não quer que o trabalho científico do historiador consista nessa redução e na concepção de juízos gerais sobre os quais ela se baseia? O historiador sabe que não pode reduzir as ações humanas a regras naturais, porque assim não veremos a vida real, o drama da história (Curso..., 1953, p. 125).

Note-se que JHR estava aparando seu discurso de tal maneira que pudesse refutar o que ele julgava como equívocos positivistas na concepção da ciência histórica. Nessa intenção, ele fez convergir o abandono de Capistrano das teses do positivismo oitocentista com a necessária reprovação do positivismo de meados do século XX. *Pari passu*, se colocou como agente de um embate pela constituição e consolidação das bases metodológicas da História. Lançando mão dos conceitos de virtudes epistêmicas e *personae* discutidos por Ohara (2017)⁸, é possível identificar na conferência uma sequência de elogios a Capistrano cujo intuito é apontar as virtudes indispensáveis ao historiador. Capistrano é o personagem eleito por JHR para compor a *personae* do historiador modelar: “Capistrano, como um verdadeiro historiador, era sensível ao espírito do fato” (Curso..., 1953, p. 132). A essencialização da imagem rememorada do autor cearense conduz a uma listagem de virtudes: “a formação teórica, a pesquisa incansável, a imaginação criadora, as qualidades especiais, as faculdades novas e o estilo deram a este homem um destaque incomparável na sua época e entre os de sua geração” (Curso..., 1953, p. 132). Mediante essa constelação de atributos benquistos, JHR desenha as fronteiras da boa História a partir da sua confrontação com uma alternativa não desejável, a positivista. Há um relação estreita entre esse movimento e a demarcação de um campo historiográfico, já que “ambos, *personae* e virtudes, fundamentam-se em um emaranhado de relações discursivas de força responsáveis por permitir ou interditar o acesso de determinados indivíduos a determinadas posições do campo” (Ohara, 2017, p. 32). Dessa forma, Capistrano rememorado por JHR é um farol da conduta excelente do historiador moderno, pois reúne as virtudes ideais para uma performance desejada. É também uma espécie de modelo de filtragem através do qual se distinguem os bons historiadores e se detectam desvios das normas internas ao campo. É

⁸ Conforme Ohara (2017, p. 20), as virtudes epistêmicas são definições que procuram “compreender como diferentes condutas foram consideradas adequadas para a aquisição de conhecimento em diferentes instâncias”. Assim, em cada época e lugar são evocadas certas qualidades que servem à identificação da boa conduta científica e que, reunidas, perfazem personas, que seriam constructos ideais que operam como faróis para os pesquisadores em cada área do saber.

através de seu ideal de Capistrano que JHR procurou definir o que é e o que não pode ser um historiador moderno:

Clareza e crítica, sobriedade e competência, probidade e erudição completam e formam as qualidades do seu espírito e de seus trabalhos. Não importam os grossos volumes; devemos fixar-nos não só no que Capistrano realizou como historiador, mas no que aspirava realizar, no que queria, no que postulava (Curso..., 1953, p. 137).

A preocupação sempre recai sobre Capistrano *enquanto* historiador, ainda que JHR tenha feito menção a outras áreas do saber exploradas pelo autor. Ao aludir a suas leituras de autores alemães ligados à geografia, à economia e à psicologia, conclui que tais “influências causam uma reviravolta no seu espírito num sentido realista. Agora sua concepção é o realismo histórico, dos teóricos alemães, e sua tarefa narrar o que realmente aconteceu” (Curso..., 1953, p. 127). Percebe-se que, na interpretação de JHR, todas essas leituras confluíram para que Capistrano se tornasse um historiador afeito aos fatos e a sua descrição fidedigna. A formação do historiador seria, portanto, necessariamente plural, abrangendo as ciências humanas vizinhas. Isso está em conformidade com a definição de teoria da História dada por JHR em seu livro *Teoria da história do Brasil*. Para ele, a teoria “nasce dos contatos de vizinhança da história com a economia, a antropologia, a geografia, etc” (Rodrigues, 1957, p. 313). Portanto, ao evidenciar a especificidade da ciência histórica, JHR enfatiza o que se poderia chamar de interdisciplinaridade. Não há contradição entre esses dois objetivos, já que admitindo o contato com outras ciências ele reconhecia os cortes disciplinares existentes entre elas. A interdisciplinaridade não anula as demarcações, tão-somente as torna permeáveis quando conveniente. Ao analisar a obra de Capistrano em sua conferência, JHR concebeu a formação ideal do historiador, necessariamente composta por incursões em campos vizinhos do conhecimento. Desse modo, o quadro que compõe para lembrar do autor cearense é, a todo momento, o de um historiador.

A sofisticação da conferência de JHR em termos de argumentos teórico-metodológicos com pretensão pedagógica se destaca no Curso. Outros conferencistas deram formas e objetivos diferentes a suas falas. Tanto JHR quanto Mozart Monteiro puderam ser aqui retratados como agentes de construção de um campo historiográfico, na medida em que se dedicavam a divulgar e discutir questões de relevo metodológico, temático e formativo para além das suas conferências no Curso. Monteiro o fazia na já mencionada seção *Letras históricas*, enquanto JHR produzia e publicava, a partir de 1949, livros volumosos na intenção

de corroborar para uma melhor formação acadêmica dos historiadores no Brasil. Nos demais conferencistas, não se verifica a mesma postura de se colocar como membro de um campo próprio da História. Ainda assim, a maioria deles também reforçou a imagem consolidada do Capistrano-historiador, por vezes em detrimento de outras áreas do saber.

A obra de Capistrano de Abreu repartida em campos e o lugar secundário da Geografia, da Etnografia e da Linguística

Barbosa Lima Sobrinho⁹, na época presidente da Academia Brasileira de Letras, pronunciou a conferência *Capistrano de Abreu – Historiador*. O título é muito sugestivo para o aspecto que ora se quer sublinhar. Sua primeira frase denota o enquadramento que visava operar sobre a memória do homenageado: “Capistrano de Abreu – Historiador, assunto de nossa reunião hoje, pode-se dizer que abrange todo Capistrano” (Curso..., 1953, p. 67). Aqui existe um efeito retórico de totalização da imagem póstuma de Capistrano. Toda sua existência e tudo que realizou enquanto pesquisador, jornalista e escritor aparece resumido no seu selo de historiador. Sobrinho ainda considerou outras facetas do autor cearense: “Não que ele se houvesse circunscrito, nos seus estudos, ao domínio da história. Seus trabalhos em outras províncias do conhecimento, na Geografia, na Etnografia, na Linguística, bastariam para a consagração de seu nome e para a glória de seu centenário de nascimento” (Idem). No entanto, não deixou dúvidas de que à História cabia um lugar privilegiado nos interesses de Capistrano:

Mas foi, de certo modo, na história, que ele conquistou seus mais refulgentes lauréis. Podemos dizer, ainda mais precisamente, que Capistrano de Abreu viveu dentro da História. Suas outras atividades científicas aparecem, sem prejuízo do merecimento da obra realizada, como se fossem excursões, vilegiaturas, digressões de um espírito fascinado pelos assuntos históricos. Chegamos, às vezes, a pensar que esses graves assuntos, a Geografia, a Etnografia, a Linguística, foram o seu descanso, as horas de lazer e de recreação dessa inteligência, que não conheceu outra alegria, nem teve outro ideal que a alegria e o ideal do trabalho ininterrupto. Por isso, os estudos de Geografia, de Etnografia, de Linguística, vão surgindo à margem dos escritos e das pesquisas históricas, que tomam toda sua vida, que constituem o assunto quase exclusivo de suas conversas, o centro das grandes amizades que cultivou, a obsessão de sua copiosa correspondência (Curso..., 1953, p. 67).

⁹ Barbosa Lima Sobrinho, nascido no Recife em 1897, formado em Ciências Jurídicas e Sociais em 1917, teve carreira política e acadêmica de destaque. Trabalhou como jornalista tanto em Pernambuco como no Rio de Janeiro. Entre 1953 e 1954 foi presidente da Academia Brasileira de Letras, o que pode ter contado para que fosse um dos conferencistas do Curso Capistrano de Abreu. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 1931. Também foi sócio da Sociedade Brasileira de Geografia.

Ao invés de tomar por natural essa argumentação de Sobrinho, é interessante problematizá-la. Ainda que haja um efeito pretendido de retórica hiperbólica por parte do conferencista, na intenção de acentuar a temática de sua fala, existe também uma disposição disciplinar de cerração de campos científicos. Admitindo que Capistrano não se circunscreveu ao campo da História, Sobrinho relega Geografia, Etnografia e Linguística a um lugar secundário e menos sério de sua obra. Ao fazê-lo, recorta a obra capistraniana a partir das fronteiras disciplinares que eram aceitas em meados do século XX, desconsiderando que essas demarcações não eram claras e bem definidas entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, quando Capistrano produziu seus estudos. Esse aspecto anacrônico já fora notado por Gontijo (2006, p. 107):

Em vida, Capistrano desenvolveu estudos considerados complementares, como a lingüística e a etnologia indígena, a história e a corografia, cujos limites eram difíceis de estabelecer. Após sua morte, operou-se uma partilha dos campos de conhecimento ainda em formação. Coube à História e não à Antropologia ou à Geografia, incluí-lo como marco referencial na história da disciplina, confirmando a tendência já apontada por seus contemporâneos, que o reconheciam como o “maior historiador do Brasil”.

Sendo assim, a forma como Capistrano foi rememorado por vezes escamoteou a complementaridade entre as áreas do saber típica de sua época. Em 1953, de onde Sobrinho falava, as divisões disciplinares estavam em vias de consolidação, sobretudo, mas não apenas, pela presença das universidades desde a década de 1930¹⁰. A estruturação dos cursos superiores, com seus percursos formativos direcionados à especialização das ciências, tornava evidentes as fronteiras interdisciplinares. A História e a Geografia, que constituíam um único curso de formação, se separariam logo, em 1955. Essa atmosfera disciplinar voltada à especialização pode ser lida como fator influente na patrimonialização da memória de Capistrano pela História, implicando a desvalorização de outras ciências exploradas pelo autor cearense. Essa relação não é direta nem determinante, mas concordante e conveniente. No Curso, a maioria dos conferencistas ratificou a divisão entre as ciências humanas e privilegiou a História como detentora do legado capistraniano. Esse movimento era acorde com a construção de um campo historiográfico que tivesse seus próprios modelos ideias de conduta, definindo assim as fronteiras do ofício do historiador.

¹⁰ As demandas por especialização das ciências vinham desde o final do século XIX e ganharam força nas primeiras décadas do século XX, sendo anteriores, portanto, ao advento das universidades na década de 1930, conforme demonstrado por Sá (2006).

Múcio Leão¹¹, em sua conferência *Capistrano de Abreu e a cultura nacional*, elogiou o autor cearense por contribuições em diversos terrenos: “Sua contribuição é magnífica no terreno da geografia, da etnografia, da antropologia, da linguística, do folclore; é sem igual no terreno da história” (Curso..., 1953, p. 110). Em seguida, fez comentários acerca das pesquisas e trabalhos escritos por Capistrano ao estudar a língua e cultura do povo Caxinauá, cujo maior resultado foi a publicação da gramática *Rã-txa hu-ni-ku-i*. Quando voltou sua fala aos historiadores, lança mão de uma comparação entre terrenos: “Mais importante do que a contribuição que nos deu no terreno da etnografia e da linguística, foi sem dúvida a contribuição que nos deu no terreno da história” (Curso..., 1953, p. 111). Capistrano e sua obra aparecem repartidos em feudos cuja hierarquia é clara do ponto de vista do orador.

É possível, mas não provável, que Leão não estivesse ciente da importância que os estudos etnográficos tiveram por anos nas atividades de Capistrano. Sobre isso, importa citar uma carta que o autor cearense envia a seu conterrâneo Guilherme Studart em 1909. À época, se debruçava em preparar uma segunda edição dos seus *Capítulos de História Colonial* ao mesmo tempo que trabalhava junto a nativos do povo Caxinauá, trabalho que resultaria na publicação em 1914 de sua gramática. Capistrano confessava que havia abandonado os estudos históricos em favor dos etnográficos:

Com este episódio linguístico desviei-me inteiramente da história pátria; não continuei a narrativa, como pretendia, nem mesmo comecei a revisão e redistribuição do já feito. Às vezes lastimo, às vezes dou por bem emprego do tempo. Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar, daria de mão às labutações históricas (Abreu, 1977, p. 182).

Essa confissão invalida as interpretações de que Capistrano teria se dedicado à História por toda a vida após ter se desvencilhado da crítica literária. Mais que isso, faz perceber a flexibilidade que um intelectual autodidata podia ter em trafegar por diferentes campos do saber sem amarras institucionais ou disciplinares.

¹¹ Múcio Carneiro Leão, nascido no Recife em 1898, bacharelou-se em Direito em 1919. Fez carreira como jornalista e literato no Rio de Janeiro. Não se notabilizou como historiador, tendo escrito e publicado inúmeros textos poéticos, analíticos e biográficos. Fora eleito sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1951.

O caminho retórico escolhido por Gustavo Barroso¹² na conferência *Capistrano de Abreu e a interpretação do Brasil* diverge do escolhido por Múcio Leão. Ao invés de hierarquizar as áreas do saber, opta por dividir a obra capistraniana em dois polos, o da história e o da antropologia:

E é isso o que vemos refletir-se em toda a sua exteriorização como cultor da história e da antropologia pátria: a paixão pelo documento que elucida a ação portuguesa na descoberta, conquista, catequese e manutenção da terra, e a inclinação para a etnologia indígena, o estudo de suas manifestações na língua e nas lendas, quer dizer no pensamento de seus indivíduos (Curso..., 1953, p. 95 e 96).

Essa divisão estaria espelhando a suposta origem étnica de Capistrano, advindo da mistura do sangue português com o indígena, “com ausência absoluta do elemento africano” (Idem). Dessa maneira, as pesquisas do estudioso cearense refletiriam sua constituição biológica¹³. Em outras conferências do Curso, a antropologia, a etnografia e a linguística aparecem pontualmente, sem discussões demoradas e quase sempre à margem da História. Nas falas de Rodrigo Octavio Filho, intitulada *A vida de Capistrano de Abreu*, e de Honorina de Abreu Monteiro, *O avô que eu conheci*, prevaleceu o tom biográfico e pessoal. No entanto, mesmo nelas a alcunha de historiador é *a* usada quando os conferencistas sentem a necessidade de não repetir o nome de Capistrano, um sinal do quão naturalizada era a associação entre o homem e sua vocação à História.

Um caso excepcional no evento é a conferência *Capistrano – Geógrafo*, pronunciada por Arthur Cezar Ferreira Reis¹⁴. Isso porque é a única que se propõe a pensar detidamente a relação do homenageado com outro campo do conhecimento que não a História. O título reproduz aquele da conferência de Barbosa Lima Sobrinho, *Capistrano – Historiador*. Tal coincidência parece ter sido estrategicamente colocada num evento promovido pelo IHGB. Todavia, as abordagens dos dois pronunciamentos foram em direções opostas. Ferreira Reis se propôs responder à questão “Capistrano foi realmente um geógrafo?” (Curso..., 1953, p. 141).

¹² Gustavo Barroso, professor, ensaísta e romancista, nasceu em Fortaleza-CE, em 29 de dezembro de 1888, e faleceu no Rio de Janeiro-RJ, em 3 de dezembro de 1959. Se formou pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1911. Atuou em jornais, como deputado federal pelo Ceará, participou de missões diplomáticas e foi fundador e diretor do Museu Nacional de História a partir de 1922. Participou do movimento integralista. Exerceu diversos cargos na Academia Brasileira de Letras, ocupando a Cadeira 19.

¹³ Essa abordagem pode ser lida como reminiscência do pensamento eugenista encampado por Barroso desde o início do século (Queluz e Babinski, 2017), o que não caberia explorar nos limites desse estudo.

¹⁴ Nascido em Manaus-AM em 1913, formado em direito no Rio de Janeiro em 1927, professor de História desde o secundário à pós-graduação. Ferreira Reis é lembrado como historiador do estado do Amazonas, embora tenha escrito alguns livros sobre História do Brasil e ensino de História, além de trabalhos biográficos e outros relacionados a cidades do Norte do Brasil.

Uma dúvida fundamental como essa não aparece na fala de Sobrinho. Não se pergunta se Capistrano foi um historiador, explica-se como ele se tornou um historiador memorável. A questão é aberta apenas para a Geografia, o que sinaliza a ausência de uma tradição consagrada sobre a figura de um Capistrano-geógrafo. A pergunta também chama a atenção pela necessidade de rotular o autor cearense segundo uma circunscrição disciplinar especializada.

A resposta de Ferreira Reis é dada apenas no final da conferência. Até lá, ele elabora uma pequena história dos estudos geográficos no Brasil desde a época colonial. Os séculos XVI, XVII e XVIII são retratados como de pouco proveito, ao passo que o advento do Império traz avanços significativos pelo patrocínio do Estado a pesquisas de exploração do território nacional. Reconhecendo dois tipos de geógrafos, o de campo e o de gabinete, Ferreira Reis elenca alguns desses avanços, tendo como ponto alto a Exposição de História e Geografia do Brasil promovida pela Biblioteca Nacional em 1881. É então que Capistrano entra na narrativa, iniciando por suas atividades como crítica literária na década de 1870, onde o conferencista já nota a relevância dos fatores físicos da natureza interpretados à luz das ideias de Martius, Buckle, Taine e outros autores europeus lidos à época. Ao se referir àquele momento na vida do cearense, Ferreira Reis faz comentário intrigante:

E Capistrano tinha, então, 21 anos! Despontava o geógrafo, despontava o historiador? evidentemente podemos considerá-lo ao ministrar aquele curso de extensão universitária, como lhe chamaríamos agora, não unicamente o crítico literário, mas a inteligência perfeitamente a vontade com os temas da melhor brasilidade, com o pensamento voltado para eles (Curso..., 1953, p. 144).

Dois elementos saltam à vista nesse excerto. Primeiro, a divisão entre o geógrafo e o historiador, especialidades que amiúde se confundiam no contexto intelectual onde Capistrano produziu seus estudos mas que, em meados do século, se encontravam em processo de diferenciação institucional e teórico-metodológica. Segundo, a tradução que Ferreira Reis faz das conferências públicas que Capistrano pronunciou na década de 1870 em Fortaleza, ao chamá-las de curso de extensão universitária. Ele traduzia um fenômeno típico da intelectualidade oitocentista, as conferências públicas, em um termo que podia ser tomado como característico de uma nova época onde as universidades passam a centralizar a produção e reprodução do conhecimento. Esse é um poderoso indício da influência da institucionalidade universitária no ambiente intelectual do Brasil de meados do século XX, mesmo um ambiente tradicional como o IHGB. Ademais, reforça a tese aqui defendida de que o Curso Capistrano

de Abreu pode ser lido como um espaço de eco para os processos de especialização de campos científicos com fronteiras bem definidas, sob a batuta das universidades.

Quando começa a procurar na obra “dispersa” de Capistrano os seus traços geográficos, Ferreira Reis atribui ao cearense um papel renovador na Geografia nacional. A par do que melhor advinha da escola alemã, Capistrano pôde denunciar o estado inerte dessa ciência no Brasil e advogar por uma nova forma de concebê-la, não mais como “catálogo enfadonho de nomes de acidentes” mas como “mediação” dos entes do mundo físico (Curso..., 1953, p. 146). Após lamentar a indisciplina do autor cearense, motivo de sua incapacidade em escrever um manual didático original para o ensino de geografia, o conferencista dá-lhe o mérito pela tradução de livros do alemão para o português. Destaca a tradução da geografia de Johan Eduard Wappaus, cuja “correção e ampliação de Capistrano e da equipe que dirigia, constituiu, evidentemente, uma renovação da época” (Curso..., 1953, p. 147). A contribuição de Capistrano não é menosprezada, antes exaltada pelo que se segue: “Lido nos mestres europeus, alemães de preferência, que revolucionavam a ciência geográfica, Capistrano, como no campo da história, trouxe uma contribuição magnífica à renovação da atividade geográfica brasileira” (Idem). Igualar seus feitos na Geografia aos que reconhecidamente tinha na História foi uma estratégia que podia levar a prever a sua resposta à pergunta “Capistrano foi realmente um geógrafo?”. Contudo, sua conclusão não foi a que se podia esperar.

Após atribuir a Capistrano o desenvolvimento da geografia histórica e da geografia regional em diversos de seus textos, inclusive nos *Capítulos de História Colonial*, no qual “a síntese geográfica por que os inicia afigura-se-nos uma síntese perfeita” (Curso..., 1953, p. 148), e nos *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*, onde “revelou melhor o sentido do geográfico que possuía” (Idem), enaltecer os esforços do cearense em prol da publicação de roteiros de viagem coloniais e promoção de estudos de campo e asseverar que ele “Liderou o movimento de atualização, de modernização dos métodos” da Geografia nacional (p. 150), Ferreira Reis declina da tese apresentada:

Sem ter sido um geógrafo na acepção mais vigorosa da expressão, de vez que em seus trabalhos não visava diretamente a atividade geográfica, Capistrano afigura-se-nos um animador das operações de campo, um filiado às correntes europeias de renovação, tendo utilizado, com evidente êxito, como pioneiro, o exame dos fatores geográficos para interpretar a vida brasileira. [...] Essa a conclusão a que chegamos, respondendo à tese que nos foi proposta, Capistrano geógrafo? Não, Capistrano animador da renovação dos estudos geográficos (Idem).

Ora, depois de ter elencado argumentos tão categóricos acerca da importância dos temas geográficos por toda a obra e vida de Capistrano, desperta surpresa que Ferreira Reis encerre com essas considerações. Por que Capistrano não podia ser geógrafo? A resposta implícita é que ele já era historiador e seu legado não podia ser dividido. Se não “visava diretamente a atividade geográfica” é porque a história lhe era o interesse principal. Ao menos era assim que Capistrano era visto pela maioria de seus comentadores no Curso de 1953. Ferreira Reis usa de um eufemismo, “animador”, para reconhecer a Geografia na obra do homenageado, mas recusa-lhe o título de geógrafo. Mais uma vez, à História é dedicada a exclusividade sobre a memória de Capistrano. Esse movimento apagava uma característica fundamental de seus estudos, pensados por ele mesmo como pluritemáticos. A esse respeito, cabe lembrar de uma carta que enviou a seu amigo Francisco Ramos Paz em 1906, relatando como ia a escrita do que viria a ser os seus famosos *Capítulos*. Na ocasião, Capistrano dizia estar “trabalhando a toda força num esboço histórico e geográfico do Brasil” (Abreu, 1977, p. 26). O seu livro de maior prestígio na historiografia nacional foi concebido, portanto, em uma interface entre História e Geografia, embora tenha se notabilizado como livro de História.

Conclusão

Com o intuito de demonstrar a patrimonialização da memória de Capistrano de Abreu pela História, examinou-se as conferências pronunciadas durante o Curso Capistrano de Abreu. O tom comemorativo do evento não impediu que os discursos emitidos pudessem ser vistos como ecos do processo de constituição de um campo historiográfico ainda incipiente na década de 1950. Sobretudo nas conferências de Mozart Monteiro e José Honório Rodrigues, foi possível acentuar os reclames pela autonomização do campo, quando os conferencistas utilizaram sua fala para circunscrever as fronteiras da ciência histórica através da refutação de alternativas inadequadas. A História da Literatura, para Monteiro, e a história positivista, para JHR. Ambos também emitiram verdadeiras lições de teoria e metodologia da História mediante a idealização da figura de Capistrano de Abreu como historiador modelar. Nisso se percebeu que o evento não se restringiu ao apelo intimista e afetivo tão presente na maioria das apresentações.

Outro traço marcante no Curso foi a hierarquização das áreas do saber a que se dedicou Capistrano. À História coube a exclusividade ou, ao menos, a preferência em reter o

legado do homenageado. Ficou patente o intento em deslegitimar ou secundarizar a Geografia, a Etnografia e a Linguística como partes importantes da trajetória intelectual de Capistrano. Esse movimento obscureceu a complementaridade entre esses campos científicos que marcou a sua obra em diversos momentos. Por fim, considera-se que essa hierarquização em favor da História alinhava-se ao contexto de especialização das ciências e estabelecimento de fronteiras disciplinares que ocorria em meados do século XX. Capistrano não poderia ser compartilhado entre as ciências porque a sua memória serviria à construção do cânone de autores consagrados da História. Afinal, Clio não divide os seus asseclas.

Referências bibliográficas

- ABREU, Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu, vol. 1. 2. ed.* Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1977.
- COSTA, Aryana. *De um Curso d'Água a Outro: memória e disciplinarização do saber histórico na formação dos primeiros professores no curso de História da USP.* 2018. 255 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós Graduação em História Social, 2018.
- CURSO Capistrano de Abreu. *Revista trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 221, p. 44-245, out./dez. 1953.
- GAIO, Gêssica Góes Guimarães. José Honório Rodrigues e a autonomização da história da historiografia no Brasil. *R. IHGB*, Rio de Janeiro, a. 179 (476):97-126, jan./abr. 2018.
- GONTIJO, Rebeca. O Curso Capistrano de Abreu (1953), no IHGB: a construção de um legado intelectual. *R. IHGB*. Rio de Janeiro, a. 174 (459):217-242, abr./jun. 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- OHARA, João Rodolfo Munhoz. *Virtudes epistêmicas na historiografia brasileira (1980-1990).* 2017. 151 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, 2017.
- QUELUZ, Gilson Leandro. BABINSKI, Karla de Souza. Gustavo Barroso: eugenia e nacionalismo autoritário. *Intellèctus*, ano XVI, n. 1, 2017, p. 152-176.
- RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica. 1º v. 2. ed.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- RODRIGUES, Matheus Cavalcanti. *Entre a História, a Geografia e seus regimes disciplinares: vida, obra e memória de Capistrano de Abreu.* 2025. Dissertação (Mestrado). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2025.
- SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935).* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SANTOS, Wagner Germiniano dos. *A invenção da historiografia brasileira profissional, acadêmica: Geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil (1980-2012).* 2018. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História. Recife-PE, 2018.
- SILVA, Ítala Byanca Moraes da. *Les morts vont vite: a Sociedade Capistrano de Abreu e a construção da memória de seu patrono na historiografia brasileira (1927-1969).* 2008. 358 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IFCS/Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.
- VAN KAN SAAD, Cesar Leonardo. *Um teorista nos trópicos: a escrita de Teoria da História do Brasil de José Honório Rodrigues (1939-1949).* 2016. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.